



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17283 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 15 - Educação Especial

Educação Inclusiva e Tecnologias Digitais: Reflexões sobre a Prática Docente no AEE
 Liana de Carvalho Pessoa - UNESA - Universidade Estácio de Sá

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NO AEE

As modernas tecnologias digitais têm impactado significativamente a vida social e o processo educativo, especialmente no que tange a inclusão de estudantes com deficiência. Selwyn (2011) destaca a necessidade de um olhar crítico sobre o uso dessas tecnologias na educação, ressaltando que a socialização contemporânea é mediada por elas. Neste contexto, é fundamental que a educação escolar aproveite essas linguagens para preparar os alunos para um exercício crítico da cidadania.

Nesse contexto, Serres (2013) destaca a necessidade de refletir sobre a realidade e virtualidade no cotidiano escolar, propondo que a escola se redimensione para atender a um 'novo aluno', que demanda abordagens pedagógicas diferentes das tradicionais. A educação deve, portanto, ser vista como um potencial agente transformador, onde a integração consciente e eficaz das tecnologias pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades que preparem os estudantes para os desafios contemporâneos.

O aprendizado vai além da mera transmissão de conteúdos; trata-se de um processo contínuo de interpretação do mundo. As tecnologias digitais permitem a reconfiguração de práticas sociais na escola e são ferramentas eficazes para promover a inclusão. Selwyn (2011) observa que muitas dessas tecnologias são interativas, possibilitando uma troca dinâmica de informações, o que é especialmente relevante no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A justificativa para este estudo reside na ressignificação do fazer pedagógico, apontando um rumo mais eficiente para a inclusão escolar. Diante da justificativa, a questão de pesquisa foi formulada: Como os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEEs) da rede pública de ensino em duas escolas municipais compreendem as TICs como instrumento mediador de práticas pedagógicas inclusivas no cotidiano escolar?

A pesquisa conduzida em duas escolas de São Gonçalo/RJ, denominadas "Escola A1" e "Escola A2", envolveu professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) tanto no primeiro quanto no segundo segmento do ensino fundamental.

Os objetivos específicos da pesquisa buscaram identificar as compreensões dos professores de AEE sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e sua apropriação pedagógica em práticas inclusivas, bem como analisar essas compreensões. A pesquisa, de natureza qualitativa, adotou a estratégia de coleta de narrativas em rodas de conversa, proporcionando um espaço de diálogo e troca de experiências entre os participantes. Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2004), que permitiu uma exploração profunda das narrativas dos professores, revelando como eles percebem e incorporam as TICs em suas práticas pedagógicas voltadas para a inclusão.

Os dados encontrados na pesquisa revelaram importantes insights sobre as percepções e práticas dos professores de AEE em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A análise das narrativas, coletadas durante as rodas de conversa, mostrou que, embora os professores reconheçam o potencial das TICs para enriquecer as práticas pedagógicas inclusivas, existem desafios significativos em sua apropriação.

Quanto à inclusão de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação na educação regular, foram identificados diversos conceitos:

Ao meu ver não funciona muito, pois falta professores especializados e estrutura para atendê-los (Professora da Escola A1).

Ainda não temos uma escola totalmente inclusiva, encontramos inúmeras dificuldades para trabalhar a inclusão (Professor da Escola A2).

Esse cenário se torna ainda mais claro nos relatos sobre os primeiros contatos com esse grupo de alunos, diante da questão: como foi o seu primeiro contato, no AEE, com alunos que possuem deficiência na escola regular?

No início foi muito difícil, tudo novo, a escola não tinha suporte para nos orientar (Professora da Escola A1).

.Foi provocativo no sentido de que também aprendemos com eles e questionador quanto ao o que é o papel do professor de apoio especializado no ensino regular (Professor da Escola A2).

Relatos colhidos na Escola A2 destacam a relevância das tecnologias digitais no engajamento dos alunos com o aprendizado, especialmente quando se considera o papel central que essas tecnologias desempenham na sociedade atual. A análise desses depoimentos sugere que a incorporação de recursos digitais pode não apenas aumentar o interesse dos estudantes, mas também tornar o processo educativo mais alinhado às dinâmicas do mundo contemporâneo.

Quando conseguimos os recursos digitais, as atividades ficam prazerosas para os alunos. Os vídeos educativos, os desenhos e as músicas através de um celular deixam os alunos mais participativos (Professora da Escola A1).

A ferramenta utilizada de forma correta é um aliado no processo de aprendizagem, desenvolve o pensamento ágil e lógico. Facilitam na construção de conceitos relevantes e desenvolvimento cognitivo do educando. (Professora da Escola A2).

Intersecções entre as práticas pedagógicas voltadas a alunos regulares e especiais são propostas para não estigmatizar os estudantes com deficiência.

É preciso trabalhar o aluno de classe para que eles vejam a inclusão como realidade normal, sem excluir o colega (Professora da Escola A1).

Trabalho de forma prazerosa para que os mesmos não sintam estigmatizados com conteúdos diferentes da turma regular (Professora da Escola A2).

Alguns depoimentos significativos e impactantes emergiram nesse momento conclusivo. Destaquemos alguns deles:

As escolas precisam preparar melhor toda equipe, não só os professores de apoio especializado. Todos precisam trabalhar junto para que a escola tenha potencial de avançar esse aluno com êxito (Professora da Escola A1).

Primeiramente uma escola que acolha, com espaços para que o aluno possa ter atividades diferenciadas ao longo do dia, para que o ensino não se torne maçante. A escola precisa ser e estar viva (Professora da Escola A2).

Os resultados indicam que, embora os professores reconheçam a relevância das TICs para práticas inclusivas, enfrentam desafios na formação continuada e na adoção efetiva dessas ferramentas. Muitas vezes, a inclusão é vista como um processo complexo e, em algumas circunstâncias, os professores não se sentem adequadamente preparados para implementar práticas inclusivas, especialmente em contextos que requerem o uso efetivo de tecnologias digitais.

Um aspecto vital que emerge da análise é a importância da formação continuada e do trabalho colaborativo entre professores, para que a inclusão no AEE não seja uma prática isolada, mas uma responsabilidade compartilhada. Os professores apontam a necessidade de

uma maior interação entre a escola e a família, alinhando esforços para avançar na inclusão de alunos com deficiência.

Em suma, a pesquisa revela que a prática docente no contexto do AEE carece de uma reflexão crítica acerca do uso das tecnologias digitais, fazendo-se necessária a construção de um currículo que respeite a diversidade dos alunos e que promova a inclusão efetiva. A pesquisa também sinaliza a urgência de se criar políticas que garantam a formação dos professores, permitindo a apropriação das TICs na educação inclusiva, e a construção de um ambiente escolar que valorize a diversidade e promova a equidade.

Ainda há desafios a serem superados, mas essa pesquisa contribui para um debate mais amplo sobre como as tecnologias podem e devem ser integradas às práticas pedagógicas inclusivas na educação básica, ajudando a moldar um futuro educacional mais justo e acessível para todos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Tecnologias Digitais; Atendimento Educacional Especializado; Cotidiano Escolar

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2004.

SELWYN, Neil. **O que queremos dizer com “educação” e “tecnologia?”** Tradução de Is technology good for education? Por Giselle Martins dos Santos Ferreira. Capítulo 1 de Education and Tecnology: key issues and debates. Londres: Bloomsburry, 2011.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.